

## ENSINO DE FILOSOFIA E O LUGAR SOCIAL DA MULHER NO MITO DE MEDEIA

### THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE SOCIAL PLACE OF WOMEN IN THE MEDIUM MYTH

Elce Nunes Nogueira da Costa<sup>I</sup>  
Marcelo Máximo Purificação<sup>II</sup>  
Filomena Rodrigues Teixeira<sup>III</sup>

#### RESUMO

O presente artigo propõe problematizar sobre a mulher na Grécia antiga a partir do mito de Medeia, presente na tragédia escrita por Eurípides. Para isso, optou-se por trabalhar com o mito analisado como um documento histórico e que possibilita problematizar a situação da mulher na Grécia antiga. Algumas indagações sobre quem é Medeia foram pertinentes: uma mulher má e vingativa? Uma mulher enlouquecida pela paixão e pela traição do homem que amava e por quem havia traído a família, assassinado seu irmão, levado à morte o rei de Iolcos? Ou seria vítima da loucura do desejo carnal e ambicioso de seu esposo? Ou, ainda, uma mulher marcada pelas questões sociais, históricas e culturais, sobretudo as relacionadas ao ser do sexo feminino na sociedade antiga? Em Medeia é possível observar a representação do sexo feminino livre das normas e regras impostas pela sociedade grega. A personagem é singular e, pelas atrocidades que comete, pode ser tida como louca e/ou vingativa, mas é uma fonte de reflexão social sobre a mulher no cenário da Grécia. Assim, tem-se em Medeia características além da loucura e da maldição, a exemplo, de um olhar crítico para o ser feminino e as suas características a ela imputadas pelo patriarcado: ser dócil, mãe e retraída, que simbolizavam, perante as normas e a moral da época, a dignidade da mulher. Medeia pode ser interpretada como a busca de liberdade e autonomia, de um lugar para o “eu” do sujeito feminino que no seu contexto sócio histórico e cultural era atravessado pela exclusão e preconceito. Também pode ser observada a relação de poder, os interesses econômicos e sociais que influenciavam as relações familiares.

**Palavras-chave:** Ensino. Filosofia. Mito de Medeia. Mulher.

#### ABSTRACT

The present article proposes to problematize on the woman in ancient Greece from the myth Euripides' Medea. For this, we chose to work with the myth that is analyzed as a historical document that makes it possible to problematize the situation of women in ancient Greece. Some inquiries about who Medea were pertinent: a bad and vindictive woman? A woman maddened by the passion and betrayal of the man she loved, and by whom she had betrayed her family, murdered her brother, put to death the King of Iolcos? Or would she fall prey to the folly of her husband's carnal and ambitious desire? Or is it a woman marked by social, historical and cultural issues, especially those related to being female in ancient society? In Medea it is possible to observe the representation of the female sex free from the norms and rules imposed by the Greek society. The personage is singular that, by the atrocities that it commits, can be taken like crazy and / or vengeful, but it is a source of social reflection on the woman in the scene of Greece. Thus, in Medea, characteristic of madness and damnation, for example, a critical look at the feminine being and its characteristics created by the patriarchy, to be docile, mother and withdrawn, symbolized by the norms and morals of the time, the dignity of women. Medea can be interpreted with the search for freedom and autonomy, from a place for the "I" of the female subject that in its socio-historical and cultural context was crossed by exclusion and prejudice. Also, the relationship of power and the economic and social interests that influence family relationships can be observed.

**Keywords:** Instruction. Philosophy. Myth of Medea. Woman.

<sup>I</sup>Anhanguera – Brasil. E-mail: [elceletras@hotmail.com](mailto:elceletras@hotmail.com)

<sup>II</sup>Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES - Brasil. E-mail: [maximo@fimes.edu.br](mailto:maximo@fimes.edu.br)

<sup>III</sup>Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC- Portugal. E-mail: [filomena.tx@gmail.com](mailto:filomena.tx@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O mito eterniza personagens presentes na literatura, dando vida, animando-os para melhor compreensão e análise do cotidiano, dando respostas às questões que a razão humana não pode compreender. Dessa forma o mito tenta explicar o inexplicável. Para Camus ([s/d], p. 113): “Os mitos são feitos para que a imaginação os anime”. Há uma reatualização dos mitos, dando vida a personagens, seus feitos, suas glórias e desgraças, iniciando o processo de trazer os mitos para a esfera literária, a exemplo do que Homero fez ainda na antiguidade ao escrever a *Íliada* e a *Odisseia*.

Dentre todos os gêneros literários, o drama grego é o que possui o maior histórico de grandes adaptações dos mitos por dramaturgos como Ésquilo (456 a.C.), Sófocles (406 a.C.), Eurípides (406 a.C.) e Aristófanes (444 a.C.). Esses dramaturgos deixaram várias obras famosas como *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, *Édipo Rei*, de Sófocles, *As bacantes*, de Eurípides e a comédia *Lisístrata*, de Aristófanes.

Com o foco no drama *Medeia*, de Eurípides, é importante conhecer melhor esse gênero literário, o drama. A respeito do tema, Soares (1989) percorre de forma panorâmica a trajetória da teoria dos grandes gêneros literários: o lírico, o e o dramático. Ela lembra que, apesar dessa divisão, os gêneros literários estão em constante contato, sofrendo transformações, em intercâmbios de linguagens e formas. Todo esse jogo de trocas está vinculado às questões históricas e

culturais.

Especificamente sobre as formas dramáticas, a referida autora começa pela origem da palavra “drama”, que vem do grego *dráo*, que significa “fazer”; na concepção grega e que, no âmbito da literatura, implica em ação, representação. Desse modo, o gênero dramático se caracteriza pelo fato de ser escrito para ser representado para um público. A dramatização do texto, na prática, dispensa um narrador, visto que as ações se desenrolam à vista do espectador, a partir das falas dos personagens e das rubricas (indicações que normalmente vêm entre parênteses e que orientam as ações que os atores devem seguir).

Soares (1989) lembra também que, como parte do gênero dramático, a unidade de ação articula-se a outras unidades, compondo uma narração, dividida em atos e cenas. Os diálogos formam a base do texto dramático, mesmo em um monólogo, visto que o ator em cena “conversa” com alguém, fala com alguém.

No que se refere aos traços e formas dramáticas, a mesma autora apresenta tal gênero com três formas: a tragédia, a comédia e o drama. Emil Staiger (1972 Apud SOARES, p. 59) vê dois pontos fundamentais no drama: o *pathos* e o problema. O primeiro diz respeito à emoção, à entonação, ao fluxo da voz, fundamental para envolver o público; o segundo trata da ação em si, ou do enredo que gera o encontro dos personagens.

A tragédia foi a maior expressão literária da Grécia clássica. Aristóteles (1985) tratou a tragédia como a *mímesis* de um ato representado por pessoas de notável psique,

com a intenção de possibilitar sensações como terror e piedade, levando à libertação das emoções. O herói é posto sempre entre duas grandes forças opostas: seu caráter (ethos) e o destino (dáimon), movimentando-se em um mundo trágico.

O herói é submetido a um desequilíbrio (hybris), sendo levado inconscientemente ao erro (falha trágica), destruindo dessa maneira o seu mundo. Considerando essa estrutura clássica, o texto de Sófocles, *Édipo Rei*, assume um papel importante e exemplar na literatura dramática, sendo considerado por alguns críticos como a maior tragédia do teatro grego, na qual os liames da cultura se materializam, tornando a narrativa compreensível e o texto agradável.

Aristóteles (1985) caracterizou a tragédia em seis elementos: fábula (ação ou enredo); caracteres (personagens ou ethos); evolução (elocução ou dicção); pensamento (dianoia); o espetáculo em cena e o canto (melopeia). Destacando a fábula (ação ou enredo), mediante a mimese, ela se inter-relaciona e dá origem à unidade de ação a fim de que exista o desfecho.

O autor da tragédia precisa desenvolver os seguintes elementos: nó (ou Ágon, o conflito em si); reconhecimento (Anankê, o destino, a inevitabilidade), a peripécia (acontecimento imprevisível que altera o rumo da história) e o clímax (o desfecho). Todas essas etapas são reconhecidas em Medeia, de Eurípides. Ainda é preciso dizer que o trágico está intimamente ligado à destruição da razão de uma existência

impelida por uma fatalidade. Grandes personagens estão ligados a essa lógica da tragicidade, seja nos dramas ou nas narrativas.

Tomando como ponto de partida o mito de Medeia, Rosenfeld (1999), afirma que uma personagem atinge uma validade universal quando ligada à experiência estética e à participação emocional, tornando-se figura fundamental na composição da obra ficcional; ou seja, a ficção possibilita ao ser humano vivenciar momentos extremos. Medeia, figura central do mito que serviu de inspiração para o dramaturgo Eurípides escrever uma tragédia com o mesmo nome, é uma das mais complexas e intrigantes personagens da literatura.

Medeia é uma princesa da Cólquida, famosa pela prudência, pela arte de curar e pelos poderes mágicos. Enamora-se de Jasão, o líder dos Argonautas, que tinha ido a Cólquida para conquistar o velocino de ouro. Esse herói não teria sobrevivido à tarefa se não tivesse recebido ajuda de Medeia, a feiticeira. Por ter-se apaixonado por Jasão ela resolveu ajudá-lo e livra-o de todos os males, auxiliando-o a vencer os terríveis guardiões do velocino de ouro, por meio de sua feitiçaria. Medeia opõe-se ao pai para ajudar Jasão, salvando a vida do herói grego. Foge com ele de Cólquida e o acompanha à Grécia, em seu navio (LESKY, 1996).

Loucamente apaixonada pelo herói, Medeia, mesmo não tendo certeza do quê? de que era correspondida, foge, apodera-se do irmão, degola-o e despedaça seu corpo e joga os membros no litoral, na certeza de que o rei não iria adiante sem recolher os tristes despojos

do filho, a fim de dar-lhe uma sepultura digna, ação realizada com a finalidade de atrasar a perseguição do pai aos aventureiros, o que realmente acontece, ou seja, Eetes desiste da perseguição, ocupando-se em recolher os restos mortais de Apsirto (EURÍPIDES, 1991).

Depois de anos de matrimônio, entretanto, “Jasão abandona a esposa para casar-se com a filha de Creonte, rei de Corinto, que permite que este coloque Medeia e os filhos em um exílio” (EURÍPIDES, 1991, p.92).. Porém, tendo sido expulsa de Corinto, cujo rei temia o poder de sua magia, Medeia aproveita-se do curto espaço de tempo que lhe resta ali e acaba por assassinar Creonte e sua filha, Glauce, a nova mulher de Jasão; por fim, para magoar profundamente Jasão, mata os próprios filhos, pois sabe que tal sofrimento o acompanharia pelo resto de sua vida. Todo o plano é executado.

A partir do mito de Medeia, considerando as questões históricas e culturais da época, o presente artigo propõe problematizar sobre a mulher na Grécia antiga. Para isso, foram adotados os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

## 2. MATERIAL E MÉTODO

Para trabalhar sobre o lugar da mulher na sociedade grega antiga no diálogo com a filosofia e história, optou-se por trabalhar com o mito Medeia. Assim, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica que na acepção de Gil (2002, p.44) é realizada tendo como apoio

o material disponível, a exemplo de livros e artigos científicos. “Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

O mito de Medeia de Eurípides é analisado como um documento histórico que possibilita problematizar a situação da mulher na Grécia antiga. Esse procedimento é ancorado em Gil (2002, p.44) ao sinalizar que “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do mito da literatura grega Medeia, de Eurípides, serão problematizadas as questões históricas, sociais e culturais da mulher na sociedade grega. Para isso, parte-se da indagação: afinal, quem é Medeia? Para dialogar sobre essa questão, Cairus (2005, p.2) nos possibilita algumas contribuições ao pontuar que;

Medeia traz consigo mais um dado de alteridade; ela é uma personagem regida por um estatuto religioso sui generis, um estatuto condizente com sua proveniência meio divina, meio humana, e coroada pelos seus dons mágicos, que se encarregam de estabelecer o contato entre esses dois universos nela presentes. [...] A condição feminina impingia várias privações. Entre outros limites, a mulher estava impedida de ascender ao kléos, ao reconhecimento glorioso que era capaz mesmo de levar os homens a empreitadas suicidas nas guerras.

Medeia é, assim, um mito que narra o drama de uma mulher capaz de fazer qualquer coisa em nome de sua paixão. Por Jasão, Medeia traiu sua pátria, retirando dela o velocino de ouro, traiu sua família, assassinou seu irmão, induziu as filhas de Eetes – rei de Iolcos e irmão do pai de Jasão, que matara e usurpara seu trono – a matarem o pai imerso em água fervente. Porém, sob outro ponto de vista, Medeia representa a mulher livre das normas e regras da sociedade grega bem como reflete elementos da posição social deste sexo (LOPES, 2008).

Além disso, esse mito também demonstra que “as práticas cotidianas da pólis estavam impregnadas por elementos como gênero, sexualidade e poder, e que esses eram as molas mestras das relações sociais inter e intra-grupais estabelecidas naquela dinâmica” (NETO-GUIMARÃES, 2009, p.1).

### **Medeia, uma Mulher nem Louca e nem Maldita**

Olhando a loucura pelo prisma de Foucault (2010), percebe-se que ela está relacionada à “libertinagem de pensamento e de fala, a obstinação na impiedade ou na heterodoxia, a blasfêmia, a bruxaria, a alquimia – em suma, tudo o que caracteriza o mundo falado e interdito a desrazão; a loucura é a linguagem excluída” (FOUCAULT, 2010, p. 215), o que enquadraria, então, Medeia nesse perfil.

O que torna Medeia uma das personagens mais emblemáticas da mitologia grega é a sua louca paixão por Jasão, uma

paixão unilateral. Quando, movido por outros interesses, Jasão decide abandoná-la para casar-se com Creúza (ou Glauce, ou ainda Gláucia, conforme as traduções), para junto desta princesa reinar sobre Corinto, Medeia o acusa de perjúrio, pois faltou com o juramento feito ainda na Cólquida, e de perfídia, pois fora infiel e desleal com ela.

Medeia faz de tudo para manter seu grande amor, mas, por fim, acaba por ser abandonada e rebaixada ao posto de amante já que Jasão encontra uma nova esposa para seu leito e sua vida. Em vários trechos do drama, ela explicita seu sofrimento, como em: “Ai de mim! Sofro, desventurada, sofro e não posso conter os meus gritos de dor. Malditas crianças de mãe odiosa, morram com seu pai! Que toda a nossa casa pereça!” (EURÍPIDES, 1991, p. 11).

Diante de tanta dor ao ser repudiada por Jasão, Medeia pede por vezes a morte, como forma de alívio, uma vez que ela, que tanto fez para estar ao lado do seu amado, a quem tinha extrema dedicação, via-se agora desamparada pelo seu tutor. “Vemos nas razões de Medeia uma questão religiosa, a do perjúrio perante os deuses; uma questão de ingratidão e de deslealdade em relação a alguém que agiu e se prejudicou por amor; e a questão de uma mulher abandonada do ponto jurídico, sem lar, sem pátria e sem tutor” (TSURUDA, 2009, p. 27). O seu desejo de morte é demonstrado na seguinte fala: “Ah! Que o fogo do céu caia sobre minha cabeça! De que me serve viver ainda? Ai de mim! Ai de mim! Que a morte me traga alívio, e me arranque a uma vida odiosa!

” (EURÍPIDES, 1991, p.13).

Jasão, ao fazê-la passar pela humilhação de ser abandonada, de ser trocada por uma mulher mais jovem, fere seu orgulho feminino. Suas palavras são duras com Medeia, acusando-a de ser culpada de tudo e de ter abandonado sua pátria e família. “Lançaste ímpias maldições contra teus reis” (EURÍPIDES, 1991, p. 28). Neste momento, é despertado o ódio da mulher rebaixada por um amor malsucedido, transformado em ira; pode-se sentir tamanho desejo de vingança nesta frase dita por Medeia: “Serei também a maldição de tua casa” (EURÍPIDES, 1991, p. 28).

Quem é Medeia: uma mulher má e vingativa? Uma mulher enlouquecida pela paixão e pela traição do homem que amava e por quem havia traído família, assassinado seu irmão, levado à morte o Rei de Iolcos? Ou seria vítima da loucura do desejo carnal e ambicioso de seu esposo? Ou, ainda, seria uma mulher marcada pelas questões sociais, históricas e culturais, sobretudo, as relacionadas ao sexo feminino na sociedade antiga?

Cabe pontuar que, na Grécia antiga, a mulher era considerada como um ser inferior, símbolo de fraqueza, não usufruía dos mesmos direitos que o sexo masculino e não exercia as mesmas funções (LOPES, 2008). “Discutir era algo exclusivo dos homens, e nada restava às mulheres, que aprendiam, desde muito cedo, a tecer e a cozinhar. [...] O momento de realização da mulher era apenas o destinado ao ofício do matrimônio”

(LOPES, 2008, s.p.). Ao contrário desse status da mulher considera-se que;

Medeia é sobretudo uma personagem de inversões. A mesma inversão que poderia provocar o riso na comédia, na tragédia de Medeia pode levar – e leva - ao páthos. Isso porque Medeia, já foi dito, era regida por um estatuto do diferente, e essa alteridade terrificava (CAIRUS, 2005, p. 3).

No mito, Medeia busca incessantemente a vitória em sua própria derrota, já que sofre ao tirar a vida de seus filhos. Sente a dor do abandono, e sofre pela repercussão do repúdio do marido. Ama os filhos, mas os usa como instrumento de vingança contra Jasão. Seus sentimentos são conflitantes, entre a mulher traída e a mãe carinhosa. Medeia opta pelo desfecho mais trágico.

As atrocidades feitas pela protagonista tinham um único “culpado”, o amor pelo mais importante dos argonautas, Jasão, o que fez com que ela cometesse as maiores loucuras já vistas na dramaturgia que a eleva a uma galeria de personagens inesquecíveis. Observa-se que toda as atrocidades feitas por Medeia têm relação direta com a imagem masculina. O que era ser homem e ser mulher na sociedade antiga? Qual era o status atribuído à mulher? E quem de fato era Medeia?

Medeia é, acima de tudo, consciente de sua condição de mulher, inserida numa sociedade comandada por homens. Sabe das sanções, das humilhações e dos preconceitos que sofrerá por ter sido abandonada pelo marido. Medeia reflete sobre a condição frágil da mulher na sociedade, pois o destino de todas é o casamento, dedicar-se à vida doméstica, ao marido, mas se este não cumpre o juramento, os laços que os uniram em matrimônio, à mulher nada resta além de

aceitar a situação de abandono, ou seja, a mulher não tem o direito de voz, de reivindicar seus direitos, torna-se, nas mãos do marido, um objeto que pode ser trocado a qualquer momento (COSTA, 2003, p. 66).

Na personagem Medeia observa-se a ambiguidade dos sentimentos, o confronto entre os desejos afetivos e as necessidades impostas pela sociedade grega. Conforme Lopes (2008, s.p.), Eurípides situa Medeia “como um ser crítico, que busca liberdade e justiça para sua vida, e, sobretudo, exalta a inteligência dessa mulher. Para conseguir tal resultado, ele sublinha na paixão quase demoníaca de Medeia a dependência do mundo e do espaço social em que ela vive”. Esses elementos podem ser percebidos na fala de Medeia.

Eu poderia responder longamente às tuas acusações, se Zeus, meu pai, não soubesse o que fiz por ti e como me foste ingrato. Depois do ultraje ao meu leito, eu não te poderia permitir viver feliz insultando minha dor, nem deixar a filha do rei nem próprio o rei, esse Creonte que a deu a ti, enxotar-me impunemente deste país. E agora me chamas, se quiseres, leoa ou Cila, esse flagelo da costa tirrena. Que me importa? Eu soube, por minha vez, como era preciso ferir-te o coração (EURÍPIDES, 1991, p.56).

Medeia confronta seus mais puros sentimentos maternos, porém, prefere ver seus filhos mortos a fazerem parte de outra família construída por suas lágrimas, culpando Jasão por toda desgraça causada. Essa tensão pode ser percebida no diálogo entre Medeia e Jasão (EURÍPIDES, 1991, p.59),

Jasão: Desgraça, desgraça sobre ti, monstro odioso, carrasco de teus filhos!

Medeia: Volta ao palácio e enterra tua jovem esposa.

Jasão: Volto, ai de mim! Privado para sempre de meus dois filhos.

Medeia: Eles te reservam mais amargas lágrimas, espera pela velhice!

Jasão: Ó meus filhos queridos!

Medeia: Queridos por sua mãe e não por ti.

O diálogo entre Medeia e Jasão demonstra a proposta de Eurípides (1991) quanto ao drama, observado no limite tão tênue e frágil entre o amor e o ódio. Na análise do mito pelo viés da literatura, Eurípides immortalizou a personagem feminina com a ambivalência entre a paixão e o ódio. É interessante observar as considerações de Rougemont (1988, p. 18) sobre o mito, mencionando sua relação com as normas e regras sociais.

[...] Poderíamos dizer, de um modo geral, que um mito é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas. O mito permite a percepção imediata de determinados tipos de relações constantes, destacando-os do emaranhado das aparências cotidianas. Num sentido mais restrito, os mitos traduzem as regras de conduta de um grupo social ou religioso. Têm origem, portanto, no elemento sagrado em torno do qual se constituiu o grupo. (Narrativas simbólicas da vida e da morte dos deuses, lendas que explicam os sacrifícios ou origem dos tabus etc.) [...]

Ele se apresenta como expressão inteiramente anônima de realidades coletivas ou, mais exatamente, comuns. A obra de arte — poema, conto ou romance — distingue-se, portanto, radicalmente do mito. O importante nas obras de arte é precisamente aquilo que não tem importância no mito: sua "beleza" ou sua "verossimilhança" e todas as qualidades

singulares que a consagram (originalidade, habilidade, estilo etc.). Mas, o caráter mais profundo do mito é o poder que exerce sobre nós, geralmente à nossa revelia. O que faz com que uma história, um acontecimento ou mesmo um personagem se transformem em mitos é precisamente esse domínio que exercem sobre nós, a despeito de nossa vontade.

Do mito à literatura, Medeia é a personagem singular que, pelas atrocidades que comete, pode ser tida como louca e/ou vingativa. Contudo, esse mito é uma fonte de reflexão sobre a posição social da mulher no cenário da Grécia, no século V a.C.

Na Grécia antiga “a mulher nunca atingia a maioridade legal. Ela deveria ter sempre um tutor que era, sucessivamente, seu pai, seu irmão mais velho, seu marido, um filho já adulto” (TSURUDA, 2009, p. 25). Podia-se também ser “alguém nomeado pelo marido em testamento, ou, alguém nomeado pelo Estado. Assim, ao partir, Medeia seria uma mulher completamente só e desamparada, algo inimaginável para a sociedade ateniense da época” (TSURUDA, 2009, p. 25).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da tragédia ou mitologia grega presente na obra dramática de Eurípedes - Medeia, personagem que matou por vingança os próprios filhos por ter sido trocada por uma mulher mais jovem - tem-se uma denúncia do lugar que as mulheres tinham nas relações cotidianas presentes nas sociedades antigas.

Assim, Medeia é uma mulher que reflete as características históricas, culturais e sociais de sua época.

Na personagem Medeia podem ser observadas características além da loucura e da maldita, a exemplo de um olhar crítico para o ser feminino e as suas características imputadas pelo patriarcado: ser dócil, mãe e retraída, que simbolizavam, perante as normas e a moral da época, a dignidade da mulher. Medeia pode ser interpretada como a busca pela liberdade e autonomia, de um lugar para o “eu” do sujeito feminino que no seu contexto sócio histórico e cultural era atravessado pela exclusão e preconceito. Também, pode ser observada a relação de poder, os interesses econômicos e sociais perpassadas nas relações familiares.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Poética. In: — et al. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. São Paulo, Cultrix, 1985. p. 55-68.

CAIRUS, H. Medéia e seus contrários. **Revista de Letras**, n.27, vol.1/2, Fortaleza, jan. /dez. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/proaera/Medeia.pdf> Acesso em 20 set. 2017.

CAMUS, Albert. "O mito de Sísifo". In: \_\_\_\_\_. **O mito de Sísifo**. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.], p.113-116.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva. (Série Debates).

COSTA, E. B. **A Poética de Aristóteles e a Personagem Feminina na Tragédia Grega**. (Dissertação de Mestrado) UNESP de São José do Rio Preto, 2003.

CUNHA, Hugo de Araujo Gonçalves da. **Mulher e Magia em Medeia**. SOLETRAS.



Revista do departamento de Letras da FFP/UERJ, 2013.

EURÍPIDES. **Medeia**. Trad. JAA Torrano. São Paulo: Hucitec, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. Série Ditos & escritos, v.1.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

NETO-GUIMARÃES, Edson Moreira. **Gênero e Sexualidade na Atenas Clássica: um estudo comparativo entre as cortesãs e as esposas atenienses**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0836.pdf> Acesso em: jan. 2017.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 4ª ed., 2001.

LESKY, A. **A Tragédia Grega**. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LOPES, Giovana dos Santos. **Medéia, de Eurípedes: um olhar sobre tradição e ruptura, na tragédia grega**. **Revista Urutágua**, n.º. 14, v.07, 2008. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/014/14lopes.htm> Acesso em: 2 fev. 2017.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1989.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972.

TSURUDA, Maria Amália Longo. **Medéia: uma**

discussão sobre a mulher em Eurípedes.

**Notandum**. n. 19. Jan/abr 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia\\_uma\\_discuss%C3%A3o\\_sobre\\_a\\_mulher\\_em\\_Eur%C3%ADpides](https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia_uma_discuss%C3%A3o_sobre_a_mulher_em_Eur%C3%ADpides) . Acesso em: 20 set. 2017.

#### Endereço para correspondência:

Marcelo Máximo Purificação.  
Centro Universitário de Mineiros, Rua 22 - Setor Aeroporto, Mineiros, GO, CEP 75.830-000  
E-mail: [maximo@fimes.edu.br](mailto:maximo@fimes.edu.br)

#### Como citar este artigo (Formato ABNT):

COSTA, Elce Nunes Nogueira da; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; TEIXEIRA, Filomena Rodrigues. Ensino de Filosofia e o Lugar Social da Mulher no Mito de Medeia. **Educação, Psicologia e Interfaces**, vol.1, n.1, p. 6-14, 2017. DOI: <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v1i1.13>

**Recebido:** 04/03/2017.

**Aceito:** 05/04/2017.